



SOCIEDADE ABERTA

Economias de escala e acesso aos fármacos



**Eugénio Viassa
Monteiro**

Professor da **AESE**

O princípio activo de um fármaco leva anos a descobrir. É testado em animais e humanos e doseado, com estudos de eficácia e toxicidade. Doze anos parecem consensuais, bem como o capital para a investigação e testes na ordem dos \$700 milhões por fármaco. Por isso, as empresas

acautelam-se com as patentes, para que na sua validade possam recuperar o investimento, prosseguindo com novas descobertas e mantendo um fluxo de fármacos que dêem rentabilidade à empresa e mais saúde à humanidade.

O preço do fármaco não tem problemas se os remédios são participados ou o nível de vida é alto. É um 'drama' para os pobres. Por isso, alguns países fizeram tábua rasa dos direitos de patente, copiando o produto, para o disponibilizar em larga escala e a preços baixos, para salvar vidas. Não fazer assim até seria imoral! Como se pode deixar morrer alguém por falta de um remédio caro, que se pode produzir muito barato?

Há anos, numa conferência de imprensa em Londres, o dr. Hamid Yussuf, presidente da Cipla, Mumbai, anunciou que o remédio genérico para a sida seria vendido a \$350 a dose anual, através dos "Médicos sem Fronteiras". Na altura o remédio equivalente custava \$10.000 (paciente/ano). Seguiu-se uma violenta reacção, denegrindo o laboratório indiano, 'que não fazia I&D, nem testes'. Entretanto, alguns preços foram reduzidos para a metade, para os países pobres. "A Cipla modificou realmente o panorama dos preços", disse um especialista da OMS.

Aquando da crise do Antrax, o "pó branco", de acção terrorista, disparou a procura do antídoto de um laboratório europeu. Este teimava em vendê-lo a um preço elevado, quando a procura e o pânico gerado levavam as entidades a forçar a baixa do preço. Ante a recusa, dizia-se que pessoa altamente colocada no 'aparelho' ameaçou importar genéricos da Índia. E o laboratório europeu cedeu, felizmente para a Índia, porque pouco depois a FDA - Food and Drug Administration começou a certificar muitas fábricas de fármacos indianos (actualmente mais de 74) que assim vendiam livremente para os EUA. Era o interesse americano a funcionar, pois por "motivos políticos" antes os produtos indianos não tinham qualidade!

A indústria farmacêutica da Índia teve bons desenvolvimentos, dedicando-se agora mais à I&D, com a adesão à OMC e às regras de propriedade intelectual. Exporta para todo o mundo, remédios genéricos. O consumo interno cresce a mais de 20% anual.

O anúncio de que se irá fornecer gratuitamente genéricos de prescrição médica aos pobres, que abrangerão de 52% da população, foi um alívio e uma grande esperança na melhoria das condições de vida e saúde dos cidadãos. Implicará um dispêndio de \$4.850 milhões, de 2012 a 2017, com incalculável benefício social.

O aumento do consumo interno e a crescente exportação criam economias de escala, produzindo-se a custos mais baixos, com qualidade certificada. ■